

sentido de um trabalho definido para a Teosofia aqui neste plano.

Está claro que nem um momento pretendo que devamos descurar os deveres quotidianos da nossa vida. Por certo que bem faremos se não tomarmos sôbre nós novos deveres mundanos, mas aquêles que já nos pesam nos ombros são uma obrigação cármica que não temos o direito de descurar. A não ser que tenhamos cumprido integralmente os deveres que o carma nos impôs, não estamos ainda livres para o trabalho superior. Êste trabalho superior deve, porém, ser para nós a única coisa para que é realmente digno que vivamos — o fundo constante de uma vida que é consagrada ao serviço dos Mestres da Compaixão.

2. *Perfeito domínio de si próprio*. — Antes que nos possam confiadamente entregar os podêres maiores da vida astral, devemos ter obtido um perfeito domínio de nós próprios. O nosso gênio, por exemplo, deve estar perfeitamente dominado, de modo que nada que vejamos ou ouçamos nos possa causar verdadeira irritação, porque as conseqüências dessa irritação seriam para nós muito mais graves naquele plano do que neste. A fôrça do pensamento é sempre um poder enorme, mas neste mundo é reduzida e amortecida pelas pesadas partículas cerebrais físicas que tem de pôr em movimento. No mundo astral é muito mais livre e mais potente, e se um indivíduo com essa faculdade plenamente acordada sentisse raiva contra qualquer pessoa ali, isso importaria causar-lhe um dano grave e talvez fatal.

Não só precisamos dominar o nosso temperamento, mas também os nossos nervos, para que ne-

nhum dos espetáculos fantásticos ou terríveis que encontramos, possa abalar a nossa coragem invencível. Não devemos esquecer que o aluno que acorda um indivíduo no mundo astral, fica tendo certa responsabilidade pelos seus atos e a sua segurança, de modo que, a não ser que o seu neófito tenha fôrça para se agüentar por si, todo o tempo do operador antigo se gastará em pairar constantemente em tórno a êle para o proteger, o que seria manifestamente absurdo esperar que se fizesse.

É para garantir a existência dêste domínio dos seus nervos, e para os preparar para a obra a realizar, que os candidatos têm sempre que passar, como antigamente, pelas chamadas provas da terra, da água, do ar e do fogo.

Em outras palavras, têm de saber com a certeza absoluta, que só a prática e não a teoria, pode dar, que aos seus corpos astrais nenhum dêsses elementos pode de modo algum causar dano — que nenhum dêles pode opor obstáculo algum ao trabalho que tenham de fazer.

Neste corpo físico estamos absolutamente convencidos de que o fogo nos queimará, que a água nos afogarará, que a rocha sólida forma um obstáculo absoluto ao nosso avanço, que não podemos com segurança projetar-nos sem suporte pelo ar que nos cerca. Tão fundamentada enraizada em nós está esta crença, que custa muito à maioria dos homens dominar o gesto instintivo que dela decorre, e compreender que, no corpo astral, o mais denso dos rochedos não pode impedir a sua liberdade de movimentos, que pode sem receio saltar do mais alto dos píncaros e atirar-se con-